

A Grande Batalha

Educação

Fernando Henrique Cardoso veio ao Rio pedir que a sociedade se mobilize para melhorar o ensino básico no Brasil. Depois de visitar Santa Maria da Vitória, na Bahia, a mineira Diamantina e a paranaense Campo Mourão, prossegue o presidente seu périplo pelo país no intuito de unir empresários, artistas, atletas e formadores de opinião em torno do projeto *Acorda, Brasil: está na hora da escola*. Sua premissa: sem parcerias, governo algum pode assegurar sozinho a universalização do ensino básico. Sua certeza: o Brasil está jogando seu futuro no desafio de fazer a sua revolução pedagógica.

O presidente procura incitar a sociedade civil a um esforço coletivo para liquidar o preconceito contra o saber elementar e prático, estimular a convergência da mídia e agências de publicidade na divulgação do projeto, pedir que empresas privadas e estatais adotem escolas, cobrar ações exemplares sobre algumas comunidades carentes, anunciar seu programa à distância pelas tevês educativas.

Em sua opinião, é preciso alargar a consciência dos problemas educacionais e criar condições para resolvê-los, aumentando vagas e salários, lutando contra a evasão, a repetência, o desperdício e implementando um sistema de avaliação do ensino. Educação não se faz só com salários e instalações: é preciso garantir a formação profissional e ter a paixão de mudar.

“É bom que tenhamos grupos de excelência”.

diz ele, “mas é preciso melhorar a média: o professor primário, a criança pobre, os bolsões de miséria”. O quadro desolador da educação básica brasileira é o grande desafio do Brasil do próximo milênio. A educação básica sempre esteve nos alicerces das grandes nações modernas: da Inglaterra da Revolução Industrial, da França nascida da Revolução Francesa, da Alemanha de Bismarck e do Japão da Revolução Meiji.

O pecado histórico brasileiro foi não ter promovido até hoje uma tentativa séria para erradicar definitivamente o analfabetismo e promover a universalização da educação fundamental. Questão que neste fim de século se tornou questão de vida ou morte.

Não há como persistir na ilusão de modelos mercantilistas baseados no uso intensivo de mão-de-obra barata e não qualificada. As formas de produção pedem habilidades técnicas superiores, a produtividade e a competição internacional exigem alto grau de instrução para as nações como um todo.

Fernando Henrique Cardoso sabe que a tarefa é vasta, que quatro anos voam e que outros colherão os frutos desse esforço. Mas sabe também que os que virão depois nada colherão se não plantarmos já. Esse esforço de semeadura deve ser compartilhado por todos. Dele depende não apenas o progresso econômico, como o fortalecimento da democracia e da cidadania.

O futuro começa no banco da escola primária.